



**UNIVERSIDADE
EDUARDO MONDLANE**

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Licenciatura em Antropologia

Trabalho de fim de curso

Autora: Maria Celeste José Langa

Entre a Saúde e Doença; percepções de Risco de Saúde dos Consumidores de Géneros
Alimentícios em Passeios da Cidade de Maputo

Supervisor: Lihaha, Afonso Walter Danúbio

Maputo, Maio de 2014

Univeridade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciencias Sociais
Departamento de Arqueologia e Antropologia

Entre a Saúde e Doença: Percepções de Risco de Saúde dos Consumidores de Géneros
Alimentícios nos Passeios da Cidade de Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos apresentado em cumprimento dos requisitos parciais para a
obtenção do grau de licenciatura em antropologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autora

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Maputo, Maio de 2014

Índice

Declaração.....	4
Dedicatória	3
Agradecimentos	6
Resumo	7
I - Introdução.....	8
1.1. Objectivos	8
1.2. Justificativa	9
2. Problemática	11
2.1.Hipóteses.....	14
3. Enquadramento Teórico e Conceptual.....	15
4. Definição de conceitos	17
4.1. Risco	17
4.2.Locais impróprios/ Informais.....	18
4.3_Percepção de risco.....	19
5. Metodologia	21
6. Apresentação dos resultados	24
6.1_Perfil dos vendedores	24
6.2_O que leva os vendedores a optarem pelo mercado informal e praticar aquela actividade.....	27
6.3 _O que leva os consumidores a frequentarem aqueles locais	28
6.4 Alimentação e rentabilidade de tempo: caso dos “chapeiros”	29
6.5 Quanto ao conhecimento de algumas doenças e risco de saúde	31
6.6 Características dos locais onde são vendidos os produtos	32
6.7 percepção do risco pelos consumidores de géneros alimentícios nos passeios da Cidade da baixa.	34
7. Considerações Finais	36

Declaração

Declaro que este trabalho de investigação, nunca foi apresentado, na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas as fontes que utilizei.

Maria Celeste José Langa

Maputo, Abril de 2014

Dedicatória

Aos meus tios que me criaram desde os meus dois anos de idade e;

Aos meus filhos Délio e Keven

Agradecimentos

Agradeço a Deus Nosso Criador, que me acompanhou durante todo processo da minha formação, pela força e ajuda que me deu para eu poder concretizar este sonho.

Os meus agradecimentos se estendem aos meus pais biológicos (José Tiago Langa e Alice Tamele), ao meu supervisor dr. Danúbio Lihaha pela paciência e esforço, contribuindo para a materialização do presente trabalho.

Merece o meu obrigado também nesta página o meu chefe de trabalho (Alfredo Chioze), o dr. Videira Uqueio que tanto impulsionam para o meu ingresso na universidade. Agradecer aos meus colegas de trabalho, amigos e familiares pelo incentivo que nunca deixaram faltar sempre que se apercebiam de uma fraqueza minha, e por fim endereçar o meu muito obrigado aos vendedores e consumidores de géneros alimentícios nos passeios da baixa da Cidade de Maputo que contribuíram para este estudo.

Resumo

O presente estudo é uma reflexão antropológica onde iremos abordar entre a saúde e doença: percepções de risco de saúde que os consumidores de géneros alimentícios em passeios da Cidade de Maputo, em especial da baixa têm em relação à esta prática.

O mesmo centra-se em comportamentos, atitudes sociais e nas que percepções do risco entre os consumidores de géneros alimentícios nos passeios da cidade de Maputo, e se conhecem algumas doenças que poderão advir por consumirem alimentos confeccionados naqueles locais sem as mínimas condições de higiene.

No trabalho de terreno foi possível constatar situações que podem criar o risco de saúde, onde as barracas têm: falta de água para lavagem das mãos e alimentos, falta de sanitários públicos para os consumidores fazerem suas necessidades menores, locais onde existem águas residuais e lixo que não é recolhido.

Os instrumentos usados para concretizar a recolha de dados foram entrevistas semi- estruturadas, observação directa e participante, conversas informais, tendo por vezes recorrido o uso de telefone celular para tirar algumas imagens.

Foi possível durante o trabalho do campo constatar que os consumidores dos géneros alimentícios, não se preocupam pelas condições do local, não tendo em conta o risco de saúde a que possam estar expostos preocupando-se apenas em eliminar a fome.

Palavras-chave – Percepções, saúde, risco, sector informal

I - Introdução

O presente trabalho constitui um relatório de pesquisa com vista a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

O trabalho subordina-se ao tema: *Entre a saúde e Doença: percepções de risco de saúde dos consumidores de géneros alimentícios nos passeios da Cidade de Maputo*. Neste trabalho propomo-nos o referido tema a partir do campo da antropologia de saúde, que procura estudar a doença como um fenómeno social.

O processo da sua elaboração, foi desde a revisão bibliográfica, parte exploratória, trabalho do campo, análise dos dados tendo iniciado em Outubro de 2013 e terminado em Abril de 2014, sobre a supervisão do dr. Danúbio Lihaha.

Pretendemos com esta pesquisa, compreender as percepções que os consumidores de géneros alimentícios confeccionados nos passeios da Cidade de Maputo, locais considerados impróprios, têm do risco.

A pesquisa identificou também as atitudes e práticas dos consumidores e vendedores de géneros alimentícios nas artérias da cidade de Maputo e sua influência na percepção do risco e o nível de informação que os vendedores e consumidores têm de risco.

A pesquisa teve lugar na Cidade de Maputo, sobretudo nos passeios da Baixa da Cidade, por este ser um espaço onde se verifica este fenómeno com maior incidência.

Neste âmbito, propomos os seguintes objectivos para elaboração do trabalho:

1.1. Objectivos

Objectivo geral

Compreender as percepções sociais de risco de saúde construída pelos consumidores de alimentos nos passeios da Baixa da Cidade de Maputo.

Objectivos específicos:

- ✓ Identificar o perfil dos consumidores dos produtos alimentares comercializados nos passeios da baixa da Cidade de Maputo.
- ✓ Captar as percepções sociais de risco de saúde construídas pelos consumidores dos produtos alimentares comercializados nos passeios da baixa da Cidade de Maputo.
- ✓ Identificar os factores sócio culturais que influenciam na persistência dos indivíduos a consumir os produtos comercializados nos passeios.
- ✓ Avaliar o nível de informação que o consumidor de produtos comercializados nos passeios tem entorno do risco de saúde.

1.2. Justificativa

A escolha do tema prende-se com o facto de existir pouca literatura que se debruce entorno das percepções de risco de saúde sobretudo na vertente antropológica particularmente dos consumidores dos alimentos comercializados nos espaços tidos como inadequado pelo MISAU. A literatura existente aborda a temática de risco na vertente acidente de viação, como é caso do estudo desenvolvido por Manjate (2012).

Deste modo, achamos pertinente desenvolver este estudo visto que os resultados poderão ser usados na reflexão e criação das políticas para sensibilização dos Municípios, dos cuidados que devem tomar de modo a evitar o risco de saúde. O estudo poderá criar debate no campo de conhecimento sobre a antropologia de saúde, alargando o que já existe escrito, sobre como os indivíduos constroem o risco de saúde, sobretudo seus determinantes sociais, sobre como os indivíduos organizam, estruturam e exteriorizam suas atitudes e acções tendo em conta o contexto.

Também este estudo como importância social vai proporcionar aos consumidores e vendedores de géneros alimentícios no sector informal na compreensão do risco, tendo em conta os aspectos culturais, as pré-noções que se trazem no contexto social anterior o que obriga a tomada de novas decisões e posições sociais.

PERES (2000) citado por Vargas considera que a questão que se coloca é que o risco não pode ser tratado a partir de uma visão técnica absoluta e objectiva é preciso ter em conta a construção social atribuída pelos diversos grupos sociais.

A escolha da baixa da Cidade de Maputo deve-se ao facto de ser um dos espaços onde este fenómeno de venda se verifica com maior visibilidade. Constitui nossa unidade de análise de estudos consumidores de géneros alimentícios nas barracas dos passeios da baixa da cidade de Maputo uma vez que partimos do pressuposto de serem, os indivíduos capazes de interpretar e dar significado das suas acções por serem consumidores de refeições nestes locais.

O presente trabalho é constituído por duas partes, sendo a primeira em que apresentamos as teorias e métodos.

O capítulo “problematizando o risco” faz parte da essência do trabalho que é a problemática devido a actividade de géneros alimentícios nos passeios da Cidade de Maputo, que merece atenção por parte dos consumidores de alimentos nos passeios da Cidade de Maputo e cientistas por terem posicionamentos contraditórios.

A segunda e última parte é da apresentação dos resultados recolhidos no trabalho de terreno através de entrevistas, conversas informais realizadas nas barracas da cidade de kaMpfumo apresentados em seis sub-capítulos, sendo os seguintes: perfil dos vendedores; o que leva os vendedores a optarem pelo mercado informal; o que leva os consumidores a frequentarem aqueles locais sem as mínimas condições de higiene; a alimentação e rentabilidade de tempo; “caso chapeiros”, se conhecem algumas doenças que podem estar em risco de as contrair; Características dos locais onde são vendidos os produtos e; Percepção do risco pelos consumidores e vendedores.

2.Problemática

A actividade de venda de géneros alimentícios nos passeios da Cidade de Maputo, enquadra-se sobretudo ao fenómeno do sector informal.

O fenómeno do sector informal como tal, não é no todo recente. Já antes do período colonial e posteriormente do período colonial, ele já existia. E, tal como acontece hoje, ele constituía muita das vezes um recurso de sobrevivência para os indivíduos sem emprego no sector laboral formal, outras vezes, constituía a fonte de melhoria das condições de subsistência ou mesmo de aumento rendimento para os indivíduos empregues no sector formal (Quive e Patrício, 2005).

Ainda nesta ordem de ideias Cruz e Silva (2005), citado por Timbana (2013), em seus estudos sobre o sector informal em Moçambique, mostra que as actividades informais sempre existiram na nossa sociedade desde que consideremos o sector informal a partir de todas actividades ilegais, ilícitas, contrabandos, etc. Não podemos dissociar o mercado informal do programa de recuperação económica (PRE), em vigor a partir de 1987, tendo ganho espaço para o seu crescimento rápido, que veio a se tornar cada vez mais acelerado no fim da guerra entre a Renamo e a Frelimo.

É nesta conjuntura que surgem os pequenos negócios organizados pelas esquinas e pelos passeios, constituídos ainda por ambulantes, e “dumba-nengue” que hoje consideramos mercado informal. Este fenómeno da actividade informal, associa-se aos movimentos campo – cidade, como resultado destas transformações políticas e económicas do país (Idem).

No período pós-independência devido a rápida desintegração da burguesia colonial e ao seu imediato êxodo para o exterior, verificou-se um aumento do desemprego urbano e conseqüentemente o surgimento de uma grande instabilidade na actividade da classe operatória (Francisco, 1987).

Sendo assim, muitos trabalhadores que antes eram assalariados viram-se obrigados a redefinir as suas perspectivas e actividades profissionais, passando a dedicar-se a actividade do sector informal com vista a garantir a sua reprodução (Idem).

Com efeito, com a adopção e implementação dos pacotes da Breton Woods (FMI e BM), no âmbito do programa de reajustamento económico (PRE), verificou-se a questão das privatizações que levaram muitos trabalhadores ao desemprego, altas taxas de inflação. Estas situações, por sua vez afectaram o poder de compra, alargamento dos impostos e restrições governamentais sobre os negócios dos agentes económicos, com incidência na “responsabilização fiscal”, com cortes nos serviços administrativos, nos subsídios governamentais e nos serviços sociais (Cruz e Silva, 2005).

No período da economia centralmente planificada em Moçambique, concretamente no período entre 1975 – 1987 houve uma outra designação chamada “Candongá” e os seus operadores por “Candongueiros”. Entretanto segundo Colaço (2000) e Vletter (1996), refere que em conversas informais com os mais velhos que existiam também vendedores caseiros que só eram conhecidos por seus clientes, sem cumprir com nenhuma formalidade.

Ademais outros factores como: a falta de legislação mais abrangente sobre o mercado de trabalho que alcance mais actividades económicas ou melhor a existência de leis económicas bastante restritivas não aplicáveis ao tipo de economia do país, a guerra civil que contribuiu para o êxodo rural para as cidades e a posterior resistência ao retorno das populações as zonas de origem, devido a alterações de hábitos e comportamentos, entre outros. Estes factores contribuíram e ainda contribuem para o crescimento do desemprego e sub-emprego e por conseguinte o crescimento do sector informal em Moçambique (Quive e Patrício, 2005). É neste âmbito que as actividades do sector informal foram se alargando até a venda de refeições nos passeios da Cidade, fenómeno este que vem ganhando maior visibilidade.

Segundo Nhantumbo Ivete (2007), citando Chichava (1998), considera que a partir dos meados da década 80 começou se a verificar o crescimento e desenvolvimento do sector informal não só em Moçambique como também nos outros países em via de desenvolvimento devido, sobretudo, à introdução das medidas de reabilitação e estabilização económica.

Assim, o trabalho em curso vai debruçar se em torno do sector informal mas numa perspectiva de risco, isto é procurará analisar e interpretar à luz das perspectivas antropológicas visões em torno do risco de saúde dos consumidores de géneros alimentícios comercializados nos passeios da baixa da Cidade de Maputo.

Desde os primórdios da humanidade, o homem, na acepção antropológica da palavra, demonstra preocupações com saúde e qualidade de vida. Ou seja, demonstra preocupações com os recursos básicos que garantem a saúde e a perpetuação da espécie. Desta forma, dentro deste rol de recursos básicos encontram-se os alimentos. Assim, a satisfação das necessidades de alimentos e água, por exemplo, localizam-se na base da hierarquia das necessidades humanas, segundo Maslow (Apud Chiavenato, 2000). Isto é, são necessidades primárias dos seres humanos. Assim, a alimentação, para os seres humanos, é uma condição *sine quanon* para sua sobrevivência.

É na procura pela sobrevivência que o homem acaba se adaptando a vários dinamismos da vida. O dinamismo dos dias actuais, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a necessidade por refeições rápidas e a opção por refeições mais baratas promoveram nos centros urbanos o surgimento de uma grande quantidade de bares, quiosques, barracas e restaurantes voltados para a venda de alimentos rápidos (fast food).

Deste modo, a preocupação com a segurança alimentar no mundo, vem crescendo nos últimos anos, gerando uma série de discussões entre organizações governamentais, instituições de ensino e indústrias alimentícias, sobre programas que assegurem à população o acesso a produtos que não sejam prejudiciais à saúde.

O comércio de alimentos em vias públicas tem recebido, actualmente, grande atenção das autoridades e organizações internacionais, que concentram esforços na análise dos impactos económicos, sociais e sanitários dessa actividade (Brito et al, 2003). Em contra ponto, esse tipo de comércio ainda constitui risco à saúde da população, já que os produtos comercializados podem ser facilmente contaminados com microrganismos patogénicos, devido às condições inadequadas do local de preparo e à falta de conhecimento sobre técnicas de manipulação higiénica por parte dos comerciantes.

Além disso, muitos estabelecimentos de comércio ambulante não contam com sistema de abastecimento de água tratada, o que dificulta a higienização correcta dos utensílios utilizados no preparo das refeições (Rodrigues et al., 2003).

Moçambique, particularmente em Maputo, não foge a regra, a venda de alimentos, sobretudo os não confeccionáveis, estão expostos sem obedecer a nenhuma norma de higiene, em plenos

passeios da cidade, e estando a ganhar maior visibilidade o que tem ameaçado eclodir casos de cólera e outras doenças. Os vendedores ambulantes vendem de tudo um pouco sem se importarem com a mínima observância de higiene, mesmo nos dias chuvosos.

De acordo com Avelino através do Canalmoz (16/2011), Momed Nurbai, Vereadora da Saúde e Acção Social, reconhece a situação, mas diz ser difícil sensibilizar os vendedores a serem higiénicos durante a venda de alimentos em qualquer parte da urbe. Em contra partida nestes espaços a mesma fonte revela ainda que a edilidade está a trabalhar com os vendedores no sentido deles possuírem um local apropriado para confeccionar os alimentos, devido aos perigos da cólera. Ou seja, os alimentos devem ser vendidos em locais adequados, no mínimo, com água limpa, sem lixo e os vendedores com mãos lavadas.

Entretanto, apesar dos consumidores terem o conhecimento das precárias condições de higiene em que são comercializados os produtos, que podem até perigar a sua saúde, persistem a comprar. Sendo assim questionamos:

Que percepções os consumidores dos produtos alimentares comercializados nos passeios constroem entorno do risco de saúde? Ou seja como é que os consumidores de géneros alimentícios comercializados nos passeios constroem a noção do risco?

2.1.Hipóteses

Hipótese I- A percepção do risco de saúde é vista pelos consumidores dos géneros alimentares comercializados nos passeios como uma resposta de acordo com o contexto ou seja às diversas ameaças sofridas na sociedade.

Hipótese II. O risco de saúde pode ser interpretado pelos consumidores dos géneros alimentares comercializados nos passeios como um meio de aferir as diferenças entre “nós” e os “outros.

Hipótese III. O risco de saúde pode ser interpretado pelos consumidores dos géneros alimentares comercializados nos passeios como uma ideia que o governo construiu para lhes desencorajar a não comprar dado estarem no sector informal.

3. Enquadramento Teórico

As linhas que se seguem vão abordar fundamentalmente e procurar trazer as principais perspectivas teóricas utilizadas no nosso objecto de estudo. Tentamos fazer as principais abordagens dos principais conceitos usados ao longo da nossa análise.

Na definição do objecto de estudo, realçamos que o nosso interesse é compreender as percepções sociais do risco em torno dos consumidores de alimentos em passeios da cidade de Maputo.

Para efeitos deste trabalho vamos nos basear na teoria de Berger e Luckman (1973) a “Construção Social da Realidade”.

De acordo com esta perspectiva teórica, Berger e Luckman (1973), “ a vida quotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjectividade dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente. Os antropólogos e sociólogos têm como objecto de estudo “as nossas análises” ou seja ocupam-se em analisar a forma como o conhecimento da sociedade humana é desenvolvido transmitido e mantido em várias circunstâncias.

O mundo da vida quotidiana como defendem Berger e Luckman (1973), não é somente tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjectivamente dotado de sentido que imprime nas suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na acção principal devemos tentar esclarecer os fundamentos do conhecimento na vida quotidiana. Por outro lado Giddens (1994) entende as *incertezas manufacturadas* como as várias situações de riscos às quais está submetida a sociedade contemporânea, a "quebra" das tradições pelo debate reflexivo gerado pela radicalização da modernidade promovendo uma maior autonomia do sujeito, a fé cega no homem e na ciência, herdada do iluminismo (racionalidade), facto este que trouxe riscos e incertezas, azar, sorte e destino ao colocar em cheque a humanidade, se enfatizando que a vida moderna é caracterizada por várias discontinuidades.

A realidade da vida diária não se esgota nas presenças imediatas mas também em fenómenos que não estão presentes aqui e agora.

A realidade da vida quotidiana apresenta-se também como um mundo em que juntos participamos com outros Homens. Esta intersubjectividade diferencia nitidamente a vida quotidiana de outras realidades das quais temos consciência. (Idem)

A realidade da vida quotidiana é expressa e representada por sinais e pela linguagem para além da interacção directa face a face. A vida quotidiana é sobretudo a vida com a linguagem, por meio dela participam com seus semelhantes e essa linguagem tem origem na situação face a face.

Para Mafessoli, citado por Lihave (2004) as atitudes no quotidiano manifestam-se em situações minúsculas e este quotidiano deve ser visto como um conjunto onde os indivíduos interagem dentro dos contextos sócio culturais e ideológicos concretos mas que a aceitação e a resistência representam dois pólos em torno dos quais se organiza a sociabilidade, ou “seja existe um vai e vem constante que realiza os valores daqueles nos quais decide acreditar, tornando possível a resistência”.

Entretanto, Mafessoli segundo Lihave (2004), admite a saturação dos grandes sistemas de interpretação que diminuem o seu objecto de investigação ao que chama de “lado iluminado” dos fenómenos sociais e propõe um enfoque voltado para as várias e pequenas situações e práticas da vida quotidiana.

Ainda Lihave (2004), citando Mafessoli, mostra-se contra um certo totalitarismo teórico conceptual que muitas vezes a pesquisa antropológica e sociológica simplesmente se restringe ao político e ao económico que limitam e empobrecem a análise de fenómenos.

Deste modo achamos pertinente usar esta teoria na medida em que permitirá analisar e interpretar como os consumidores e vendedores de géneros alimentícios nos passeios constroem e interpretam o risco de saúde. Uma vez que esta teoria parte de pressupostos de que a realidade é relativa, isto é, cada actor tende a construir e interpretar o mundo tendo em conta o contexto em que se encontra inserido. Neste âmbito que o conceito do risco por parte dos consumidores dos géneros alimentícios não é uniforme.

4. Definição de conceitos

Os conceitos aqui usados vão nos ajudar em aspectos metodológicos e analíticos tendo em conta o contexto da sua aplicação, o que em sua definição pressupõe usar de acordo com a realidade em estudo.

São conceitos - chave deste estudo: o Risco, Percepção de risco, Local informal, saúde.

4.1. Risco

Segundo Pereira (1998), citado por Timbana(2013), refere que a forma como as pessoas percebem ou interpretam o risco, depende da percepção individual e social. Por essa razão que a percepção social de risco envolve as crenças, julgamentos, atitudes, sentimento das pessoas, assim como suas disposições culturais e sociais, que adoptam em relação aos seus benefícios.

Para Schenker e Minayo (2005), citados por Timbana (2013), definem o risco como sendo uma consequência da livre e consciente decisão de se expor a uma determinada situação na qual se busca a realização de um bem ou de um desejo incluindo ferimentos ou perda física, material, doença ou psicológica.

Luhmann (1993), considera o “risco” como uma perda potencial no futuro resultante de uma decisão Humana, podendo ser imputado a alguém ou a indivíduos e instituições logo que ocorra algo de mal “perigo” seria o resultado de factos externos, fora do controle e do poder do homem ou de agente social. Assim, o risco faz sentido com a compreensão de que os resultados inesperados podem ser consequência das nossas próprias actividades e decisões invés de exprimirem propósitos ocultos da natureza ou situações da divindade (Giddens, 1998:21).

O risco é antes de mais cultural, porque a percepção que temos, dele é culturalmente definida, são os valores culturais que ditam a nossa percepção sobre o risco e modo como hierarquizamos. “Ao escolhermos um modo de vida escolhemos igualmente correr certos riscos. Partilhar os mesmos valores é partilhar as mesmas crenças e inversamente as mesmas incertezas. (Peretti-Watel, 2000:8)”. Ao se escolher os locais onde passar as refeições constitui uma escolha individual e por grupo, facto este que sustenta a ideia de partilha de valores, crenças e incertezas.

O risco segundo Cecil, Helman (2009), na antropologia é visto de forma contextualizada, observando uma série de factores culturais como as crença, e os comportamentos causais contribuintes em sua relação com os problemas de saúde abordado no âmbito da epidemiologia onde este não é visto de maneira individual e se pressupõe que o risco é tomado de forma de escolha racional exemplo no HIV/SIDA, cólera etc.

Para Freitas (2000), a abordagem cultural fundamentada na antropologia, defende que a percepção de risco de cada indivíduo é constituída a partir da sua trajectória de vida e de seus valores culturais

Assim, para este estudo entende-se o risco como sendo deferentes circunstâncias que os indivíduos se colocam com o objectivo de obter uma satisfação ou ganho, submetendo-se desta a vários riscos de saúde, assim adoptam mecanismos para minimizar os efeitos do mesmo.

4.2.Locais impróprios - Informais

Segundo o memorando de entendimento da gricultura (1993); Bowen (2000), pode-se considerar a venda de alimentos confeccionados em passeios ou locais impróprios como “informais” referindo-se as pessoas que realizam actividade comercial sem possuir licença legal para o seu exercício e que não sendo directamente taxada e nem reportada oficialmente, no geral, sendo estar abrangida pelo pagamento de taxas específicas às autoridades municipais

Segundo Timbana 2013, no estudo realizado no mercado grossista do Zimpeto, sobre risco e sobrevivência: estudo sobre percepção social de risco em acidentes de viação dos vendedores informais defronte do mercado do Zimpeto refere que: O conceito informal é muito vasto e divergente entre autores, não existindo consenso sendo que, para alguns autores baseiam a sua definição em aspectos jurídicos legais, onde o sector informal é definido como sendo fora da lei, ilegal, clandestino (...), entretanto outros abordam para aspectos estatísticos – legais onde fazem parte do sector informal todas as actividades não registadas nas contas Nacionais. (Chichava 1998:6)

Também, existem aqueles que abordam para aspectos económicos considerando sector informal como economia secundária alternativa e marginal, havendo os que olham para o sector informal sob o ponto de vista político. (Idem)

Sector informal é todo o trabalho que se realiza fora das unidades de produção e escritórios formais, caracterizado por não terem contrato ou acordo de trabalho reconhecido pelas partes e não possuírem salários ou remuneração fixa (Chichava 1998:7).

Por sua vez Ferreira (2007), considera ser um conjunto daqueles que perderam seus empregos no sector formal não tiveram alternativas se não migrar para o sector informal, tendo esta actividade como estratégia de sobrevivência. Em geral não tem salário por envolver unidades familiares, usando-se o emprego de mão-de-obra não remunerado, podendo ocorrer sem obedecer a lei do trabalho.

Abrahamson e Nilsson (1995;73), citado por Ivete Nhantumbo (2007), referem que as actividades informais são também vistas como uma integração opcional da economia familiar de subsistência no processo de acumulação do modo de produção capitalista onde as opções estratégicas de sobrevivências famílias podem ser alteradas de acordo com as mudanças das condições de troca do mercado.

As actividades informais conservam uma sobrevivência de muitas famílias que dependem muito destas actividades.

4.3 Percepção de risco

Segundo Lima Maria (2005), considera como se tratando de uma forma que os não especialistas “público” pensam sobre o risco e referindo-se a avaliação subjectiva do grau de ameaça potencial de determinado acontecimento acção ou actividade, envolvendo sempre uma fonte de risco, é dimensão de incerteza.

Validando as ideias de Lima Maria (2005), percepção de risco pelos consumidores de géneros alimentícios, corresponde a noções e conhecimentos que determinado grupo de indivíduos têm e entende-se como fenómeno socialmente e culturalmente construído, uma vez que este é visto

pelos consumidores já entrevistados que cada entende segundo o que conhece sobre doenças e como foi educado e onde cresceu e seu meio. Sendo que entre os consumidores: os significados que compartilham, as crenças e convicções; o seu meio cultural e social; suas intenções e objectivos de acção.

Para Pereira (1998), a maneira como as pessoas vêm ou interpretam o risco, depende da percepção individual e social. Por essa razão que o risco envolve crenças, atitudes, julgamentos e sentimento das pessoas, assim como suas extensas disposições culturais que adoptam em relação aos perigos e seus benefícios

4.3. Saúde

Saúde é uma palavra de origem latina, *salute* que quer dizer salvação, conservação da vida.

Helmam, Cecil (2009), refere que as definições do que constitui “Saúde”, variam entre indivíduos, famílias, grupos culturais e sociais, sendo que na maioria dos casos a Saúde é vista como bem mais do que apenas a ausência de sintomas físicos desagradáveis

Segundo a OMS (1948), define a saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de afecções e enfermidades”.

Para Uchôa e Vidal (1994), a antropologia aborda a questão de saúde, doença e o que esta com ela relacionada, como fenómeno que são culturalmente interpretados. Ainda referem que os universos sociais e culturais influenciam na maneira como vários tipos de prevenção e risco são adaptados influenciando na tomada de decisão e escolha do serviço de atendimento.

Para Honwana (2002), considera que saúde define-se pelas relações harmoniosas entre os seres Humanos e o meio ambiente entre eles e os seus antepassados e entre estes e o meio ambiente.

Entende-se deste modo que os aspectos culturais têm grande relevo no bem-estar social e emocional uma vez que em grande medida as pessoas adquirem as suas doenças de acordo com as percepções sociais e culturais do seu contexto.

5. Metodologia

Para elaboração do trabalho privilegamos a abordagem qualitativa e exploratória. Esta metodologia permitiu ao pesquisador aprender as percepções e representações sociais do risco, entre os vendedores e consumidores de alimentos nos passeios da Cidade de Maputo, na medida em que é partilhado por vários indivíduos.

O trabalho obedeceu as seguintes fases: identificação do problema, revisão bibliográfica realizada na biblioteca do DAA, pesquisa na internet e pesquisa no campo privilegiando o método etnográfico na zona do Museu, bairro indígena, alto- maé, e baixa da cidade de Maputo e por último e a apresentação dos resultados.

O trabalho foi realizado de Agosto de 2013 a Outubro do mesmo ano, para a revisão bibliográfica e a etnográfica foi feita de Outubro a Novembro de 2013 nos Distritos Municipais de Ka Mfhumo e KaChamanculo.

O método etnográfico permitiu a pesquisadora combinar suas visões teóricas como a dos consumidores de géneros alimentícios nos passeios dos dois distritos municipais.

A recolha de dados foi feita com base em técnicas de entrevistas individuais semi-estruturadas e através da observação directa e participante com intuito de observar os comportamentos, atitudes em relação ao risco aos consumidores e vendedores de alimentos em locais impróprios (informais), fontes orais, isto é tendo em conta os objectivos gerais e específicos do projecto.

Foram realizadas 10 entrevistas sendo que 05 foram realizadas aos consumidores de alimentos e 05 aos vendedores de alimentos na estrada, com idades compreendidas entre os 25 anos a 52 anos de idade, 1 provedores de saúde e outro a elemento do Conselho Municipal.

Deste grupo cinco eram de sexo feminino e cinco do sexo masculino. De entre as conversas informais que tivemos com as vendedoras e consumidores de géneros alimentícios pode-se saber que são clientes que frequentam as barracas da baixa da cidade para consumo alimentar pessoas como:

- ✓ Trabalhadores das obras;
- ✓ Viajantes, tripulantes de barco;
- ✓ Cobradores e motoristas de chapas;
- ✓ Trabalhadores dos bancos, professores e outros.

Do grupo das entrevistadas em que todas as vendedeiras foram mulheres, quatro são chefes de família, apenas uma vivia maritalmente e fazia aquela actividade de venda de alimentos nas barracas para ajudar seu marido e dos consumidores entrevistados todos eram chefes de família.

Durante o período da pesquisa etnográfica, privilegiamos o uso da língua changana em alguns casos, em outros casos o português para permitir maior compreensão em relação aos comportamentos, atitudes e práticas dos consumidores de alimentos nos passeios da cidade de Maputo, assim como com os confeccionadores, portanto segundo os nossos objectivos.

A realização das entrevistas foi feita nos terminais do chapa Anjo Voador e terminal das chapas das barracas do Ferroviário localizadas na baixa da Cidade de Maputo, onde as vendedeiras confeccionam os alimentos frequentando nos locais os consumidores, realizamos também alguns conversas informais com pessoas conhecidas.

Durante a pesquisa foi possível observar nos locais onde as pessoas consomem os alimentos o seguinte:

- ✓ Se os consumidores são servidos água para lavarem as mãos;
- ✓ Qual o tipo de material de construção das barracas;
- ✓ Local onde são colocados os alimentos e se são protegidos;
- ✓ Como se relacionam vendedor e o consumidor no local;
- ✓ O estado em que se apresentam os vendedores de alimentos, batas, unhas, se cabelo esta ou não protegido;
- ✓ Se o local está limpo e se tem ou não lixo;

- ✓ Ver se mudam de água ou não quando lavam os utensílios e se não mudam;
- ✓ Se tem casa de banho ou não no local.

Para uma melhor compreensão a pesquisadora passou algumas refeições nos locais de pesquisa com consumidores de alimentos nos passeios, entre eles os chapitas da terminal do chapas do Anjo voador a quem fizemos as entrevistas e nas barracas da terminal do chapas Clube do Ferroviário portanto na baixa da cidade.

Durante a pesquisa a grande dificuldade foi durante as conversas que apesar de me apresentar como estudante e apresentar os meus objectivos de estudo e que este poderia vir a contribuir para debate das mensagens dadas pelas entidades sanitárias aos consumidores e vendedores de alimentos nos passeios da cidade, sempre entendiam como se tratasse de um agente da saúde ou do Conselho Municipal que quisesse tomar medidas desde a queixa para a tomada de medidas para o vendedor ou outro tipo de medidas sanitárias.

Através das conversas com os vendedores foi possível saber que eles não consideram o local adequado ou seja próprio para fazer aquele tipo de comércio, mas por falta de outro local e falta de condições para além de que procuram locais onde tem muitos clientes ou seja movimento caso das paragens é que lhes motiva a optarem por aqueles locais.

6. Apresentação dos resultados

No presente capítulo apresentamos os dados recolhidos durante o trabalho do campo ou seja a pesquisa etnográfica, resultante das entrevistas, conversas informais, realizadas aos consumidores de géneros alimentícios nos passeios da cidade de Maputo mais concretamente da baixa da cidade que se situa no Distrito Municipal de Ka Mpumo e a alguns colegas de trabalho, que nos ajudaram a compreender o perfil dos vendedores e consumidores de géneros alimentícios em locais impróprios, as percepções em torno do risco de saúde, o que leva as pessoas a frequentarem aqueles locais, escolha do local ou barraca.

Assim organizamos os dados a seguir em capítulos temáticos de 1 a 6.

6.1 Perfil dos vendedores

Em termos do perfil dos vendedores de alimentos em passeios da baixa da Cidade de Maputo, pelas entrevistas realizadas pode-se entender que este é feito maioritariamente por pessoas com baixos níveis de escolaridade segunda a seita classe desenvolvendo o seu nível em alguns casos naquele respectivo local, sendo o género maioritariamente o sexo feminino, possuindo agregados familiares com mais de cinco pessoas.

Devido a falta de padrinho influente e a fraca qualificação académica esta contribui para a fraca competitividade no sector formal, optando por actividades informais como forma de gerar renda e auto sustento.

Do ponto de vista das características sociais das cinco vendedeiras de géneros alimentícios em passeios da cidade da baixa de Maputo entrevistadas, têm idades compreendidas entre os 20 e 45 anos, são oriundas da província de Gaza, Maputo e Inhambane, todas durante as entrevistas disseram residir noutros bairros fora do local onde fazem o comércio, procurando local com muito movimento e algumas porque vão se juntar a um outro familiar que já lá vende a bastante temo. Provém de bairros como: Bairro Polana Caniço, Inhagoia, Boquiço, Zimpeto e outros, que distam a 10 a 25km do local de venda.

Em relação ao estado civil apenas uma é que vivia maritalmente, as restantes solteiras ou separadas, uma foi abandonada pelo marido.

A vendedora que vive maritalmente é vendeira no local a 12 anos, com cinco filhos todos a estudar, chama-se Angelina Mthombe e têm 40 anos de idade e segundo ela:

“Vivo maritalmente e faço negócio a 12 anos para ajudar o meu marido, pois o dinheiro que ele recebe pelos seus biscatos de pedreiro não é suficiente para abarcar com as despesas da casa, pagar escola das crianças, comprar comida, pagar água, energia e outros. Comecei por vender tomate no bairro Zimpeto, uma irmã minha que já vendia neste local me convidou para juntos fazermos o negócio de vendas de comida neste local para chapeiros e outros, uma vez tratar-se de uma paragem com muito movimento, desde os chapeiros, tripulantes de navios, pessoal que trabalha no Maputo Shopping e dos caminhos-de-ferro.” Tenho muitos clientes e estes gostam da comida que faço.

“Apanho 1 a 2 chapas para chegar a este local, dependendo da paciência e tempo para esperar do chapa, sendo que subo do Zimpeto ao Benfica depois apanho outro do Benfica a Baixa (anjo voador).”

O segundo grupo de entrevistadas é de vendeiras cujos maridos lhes abandonaram e tivemos a oportunidade de entrevistar uma delas, que nos disse que foi abandonada pelo marido na África do sul, tem 6 filhos, reside em boquiço, para chegar ao local (terminal do anjo voador) apanha dois a um às vezes três chapas e segundo ela Maria Isabel disse:

“Vivo em Boquiço, meu marido abandonou-me na África do sul com 4 filhos e foi juntar-se a uma outra mulher. Vim a Maputo e fui viver com a minha mãe na Mafalala, conheci outro Homem que com ele tive mais dois filhos totalizando-se em seis, tendo me aldrabado dizendo que ficaria comigo como marido, só que o mesmo veio a abandonar-me. Os pais das crianças que foram os meus maridos não cuidaram das crianças tanto em, escolaridade, direitos e deveres. É assim que a minha mãe que já vendia com uma irmã minha me convidaram para juntos fazermos o negócio neste local, evitando ficar a espera de ser dado algo pela minha mãe.

Comecei por vende pão, depois bagias e refrescos, mas as pessoas começaram a pedir que eu preparasse também sopa, arroz, feijoada, assar frangos e outros. Os meus clientes consumidores, são pessoas dos bancos das redondezas, polícias, pessoal que trabalha no tribunal, chapistas e utentes da estrada mas também posso dizer que qualquer pessoa compra comida neste local.”

O outro grupo de vendedeiras é de mulheres solteiras, fazem o negócio por não terem quem lhes sustentem, portanto fazem-no como mecanismo de sobrevivência.

Entrevistamos Elisa Manjate que nos disse ser solteira, mas que viveu maritalmente durante sete anos.

Tenho 47 anos de idade, vive sete anos maritalmente, mas por não conseguir conceber e pelo facto do marido me desprezar, para além de me bater sempre que estivesse embriagado, discutíamos muito uma vez que dificilmente fazia as despesas da casa, acabei me cansando e voltei para casa e comecei a fazer negócio no mercado do fajardo.

No mercado fanado, o meu negócio não progrediu, porque o dinheiro sempre usava para as despesas de casa, optei em abandonar, portanto fechei a banca. Decidi retomar o negócio três meses depois no mesmo local mas não possível pois a minha banca já o fiscal havia vendido a uma outra vendedeira.

É assim que a família lhe convidou a trabalhar nas barracas da baixa nas barracas da terminal do clube ferroviário.

“Vendo no local a bastante tempo, quinze anos aproximadamente, temos todo o tipo de clientes, desde estudantes, doutores, dirigentes e outros. O negócio aqui é bom, vendo comida e bebida a pessoas que querem comer saindo do serviço e outros que vem acertar seus negócios aqui, outros porque a casa é longe optam em vir comer neste local. Neste local mercado vende-se tudo e com todo o tipo de utentes.

Temos utentes que aparecem as primeiras horas da manhã (chapistas, estudantes, jovens ladrões, trabalhadores, drogados e outros). Existem grupos que aparecem as dez ou onze horas que vem fazer, acertos de trabalho, negócios e outros, grupos que vem para

almoçar fugindo do trabalho e conversas, o grupo que aparece as quinze para socialização podendo ficar até altas horas da noite surgindo os duvidosos etc. as pessoas frequentam nestes locais porque dizem que os preços são baratos e a comida ta sempre quente.”

6.2 O que leva os vendedores a optarem pelo mercado informal e venda de comida confeccionada

O que lhes motiva a fazer aquele tipo de actividade informal são motivos sociais sendo a responsabilidade que tem em relação a família, evitar a dependência e ter boa integração social, assim uma das nossas entrevistadas também do anjo voador disse:

“São vários os motivos que me levam a vender no mercado informal, desde a falta de emprego nos locais informais isso devido ao nível académico que tenho que é apenas a seita classe e como sabem maior parte dos serviços exigem a décima para frente. Existem aqueles que conseguem trabalho com décima mas muitos precisam de padrinhos que lhe ajudam a entrar no mercado do trabalho, então o trabalho que se pode fazer é este “venda”. A venda de comida é porque esta sempre é comprada, pois as pessoas sempre têm fome e precisam de comer, estão nos serviços baixa e outro que é longe de casa então sempre vem comprar, deferente de roupa ou sapatos que as pessoas só compram por festas levando mais tempo para ser comprado etc. Também porque vou ajudar ao meu marido e família em geral tal como a minha mãe, ajudar nos estudos das crianças, compra de fardamento etc. Também porque quando vendo nem sempre eide ficar a espera do meu marido para me dar dinheiro para comprar comida ou ir para o hospital. Muitas das vezes é preciso associar na família para cerimónias e como filha mais velha devo associar, então é deste dinheiro que tiro pois como sabe são poucos os maridos que aceitam contribuir para resolver problemas da família da mulher.

Aspectos económicos contribuem também para a prática deste negócio, uma vez que a economia esta mais no mercado informal e as pessoas conseguem controlar o dinheiro e os lucros. As vendeiras optam por aqueles locais por se tratar de locais com muito movimento, portanto

terminais de chapa é o caso das barracas do ferroviário, Anjo Voador, onde tem consumidores desde viajantes para África do Sul, tripulantes navegadores, e pessoas que desejam ir ao *Shop Centre*.

O rendimento que conseguem adquirir, vai ajudar em muita coisa, desde o pagamento de dívidas, xitique, pagam rendas das casas que algumas vendedoras estão a alugar e outras tentam fazer pequenas construções.

6.3 O que leva os consumidores a frequentarem aqueles locais

Foram entrevistadas cinco consumidores de géneros alimentícios todos do sexo masculino o que leva a crer ser os que mais consomem alimentos nos passeios da cidade neste caso da baixa, com idades compreendidas entre os 18 anos e os 62 anos.

Numa conversa com o Sr. Tivane de 62 de idade, guarda de uma empresa, com um agregado familiar de três filhos todos maiores e uma esposa já sofrendo de trombose, referiu que o que lhe leva frequentar aqueles locais é o facto de sair muito cedo de casa para o serviço, não sendo possível trazer comida de casa por vários motivos tais como:

“Saio muito cedo de casa, a comida que se prepara em casa é sempre pouca por mais que se aumente mais um bocado contando com a merenda é sempre pouca, pois quanto mais se cozinha mais se come; trazendo no chapa cora o risco de entornar comida, no local de serviço não existe geleira para se conservar o que faz com que a comida apodreça rapidamente, também não se têm como aquecer, a comida feita em casa geralmente é feita para muita gente e altera o sabor porque muitas vezes têm que se deitar mais água.”

“Nas barracas a comida ta sempre quente, bem temperada, consigo ver a pessoa a preparar, possibilidade de escolha entre os pratos apresentados, e a pessoa que serve geralmente ta sempre bem-humorada isso para ganhar a clientela portanto a possibilidade de socialização com ela e com outros consumidores, por vezes podendo

chegar até extremos mais íntimos (amantíssimo) o que ajuda por exemplo no meu caso também para elas porque muitas são solteiras.”

6.4 Alimentação e rentabilidade de tempo: caso dos “chapeiros”

Neste caso entrevistamos o cobrador e motorista de chapa que fazem o trajeto Xipamanine – Anjo Voador. O cobrador disse ter 26 anos e residir no bairro da Machava têm família uma esposa e dois filhos, o motorista referiu viver no bairro do Bagamoio, tem família cinco filhos e esposa. Todos estavam preocupados em comer para continuarem com o transporte dos passageiros. Em conversa diziam:

Senhora! Não há tempo a perder, tempo é dinheiro.

“Segundo os chapistas tempo é dinheiro, matabichamos, almoçamos e sempre que estivermos com fome comemos numa das terminal do chapa, no Anjo Voador ou no Xipamanine, pois ir para casa significa chegar às vezes e a comida não está pronta para além da morosidade em servir a comida, por vezes uma pequena bronca porque a mulher viu-me com pita no chapa. Também o que acontece na barraca é que a comida esta sempre quente e possibilidade de escolha do pedaço, preço acessível, variando entre os 35 a 75,00 Mt.

Aqui nesta esquina (barraca), é onde geralmente comemos a senhora que aqui vende já é familiar, conhece a nossa rotina, todas as manhãs já tem sopa quente e nós passamos e consumimos, por volta das onze, doze mesmo as treze passamos para consumir outra refeição que é o almoço.

Encontramos um outro grupo de pessoas que consomem nas barracas porque estão tratando assuntos de negócio, entrevistamos o Sr. Salomão que disse:

“Frequento neste local a bastante tempo, tenho 48 anos, vivo no bairro do jardim, tenho 11 filhos, que os tive com mães deferentes, cinco já tem os seus lares com maridos e filhos. Todos os dias venho a este lugar onde me encontro com outros colegas que juntos fazemos o negócio de procura de casas para alugar e esperamos clientes, portanto fazemos parte de uma comissão.

A nossa esquina foi sempre esta aproveitamos assim os pratos da vovó Elisa, que também são baratos e bons.”

Um outro consumidor disse:

“Sou residente da Matola, por isso toou sentado de costas viradas para a estrada, porque se passa alguém que me conhece me vê neste local a comer pode vir a ficar indignado. Toou no notário a fila é enorme já com fome e escolhi este local por acaso, não conheço ninguém, quanto ao risco de saúde ele acredita nas autoridades de saúde, sendo que acha que a saúde zela pela formação e educação dos vendedores de alimentos confeccionados”

O Facto de não comerem em quiosques ou restaurantes segundo os chapistas disseram, nunca lhes ter passado pela ideia, sendo que:

“Só por passarmos por fora do quiosque tudo bonito, os preços parecem ser carros e a maneira de ser das pessoas parece não ser mais social, a maneira de servir é deferente da barraca e não vemos como é preparada a comida apenas vemos a sair, por vezes é comida de semanas atrás, dai que optam pela barraca. Também não é qualquer pessoa que entra nos restaurantes, não é gente como nós pobres assim mas os directores das empresas gente que ganham muito dinheiro, gente chique, cooperantes estrangeiros brancos. Portanto os que tem dinheiro. ”

Em uma análise antropológica, o facto de ser quiosque ou restaurante não significa higiene, melhor preparação dos alimentos, bom atendimento aos clientes, antes pelo contrário, também podem ter torneiras sem água, e muito lixo bem como moscas, a demora no atendimento, a comida pode ter bom aspecto mas não boa.

Um outro senhor disse também que nos restaurantes geralmente vêm brancos, gente de elite, gente que não quer se misturar com os ditos informais, portanto os doutores. Sendo que também não corresponde a verdade pois são tantos doutores que vemos em barracas e os ditos da classe.

6.5 Quanto ao conhecimento de algumas doenças e risco de saúde

Das entrevistas realizadas, aos consumidores de géneros alimentícios nos passeios da cidade as ideias foram divergentes quanto ao conhecimento de doenças que as pessoas estão em risco de as contraírem por consumirem em locais sem as mínimas condições de higiene. Entre elas diziam que conhecem a doença da cólera, diarreia, Tuberculose, malária de entre outras.

Um outro grupo de consumidores referira saber que corriam risco ao consumir naqueles lugares mas não tem alternativa por estarem distantes de suas casas e estarem com fome, sendo que o que lhes importava de momento era eliminar a fome e quanto as consequências ver-se ia depois, isto é a podia acontecer por uma questão de azar ou destino.

Também consideraram que o risco esta presente em todo o lugar, em casa, barraca, quiosque, restaurante dependendo da disposição da pessoa que confecciona a comida

Outro grupo disse que não sabiam que corriam risco de apanhar doenças ao consumir naqueles locais, pois a muito que vêm consumindo alimentos naqueles locais, uma vez estarem próximo de seus locais de trabalho, negócio, paragem do transporte, não permitindo regressar para suas casas uma vez estas tarem longe de suas residência garantindo desta não atrasar no trabalho que lhes garante a sobrevivência.

Assim e de acordo com Berger e Luckman (1973), o mundo da vida quotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros da sociedade na conduta subjectiva dotada de sentido que imprime nas suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na acção principal.

“Para Isabel vendedeira de uma das barracas da terminal dos chapas enfrente ao clube ferroviário referiu que conhecia algumas doenças provém da falta de lavagem das mãos, comerem em locais sujos e comidas podres, falta das casas de banho para fazerem as suas necessidades, também por não taparem as latrinas e as moscas vão para as latrinas transportando depois as fezes para as comidas, sendo que algumas dessas doenças podem ser a malária, cólera, disenteria e outras.”

Em entrevista com Jorge Namburete na terminal de transporte do Anjo Voador, consumidor referiu ter conhecimento também de algumas doenças, tais como a diarreia que provoca fraqueza, vômitos mas sendo que no momento o que lhe preocupava era a fome e ter que eliminar a fome, mas que também não é a comida que lhe pode matar ou provocar a doença, uma vez que pode contrair a doença da diarreia mesmo sem ter consumido numa barraca, e ter comido em casa.

Quanto ao lixo ou cheiro, isso não lhe diz nada, porque o lixo tá ali e dando o exemplo o consumidor disse:

A senhora já andou na zona da lixeira à noite? Já viu quantas pessoas estão a comer frente ao lixo? Então, pessoas comem no lixo e não ficam doentes, um demente mental que consome no contentor e não fica doente, mas o dito da elite come com garfo e faca e contrai cólera.

6.6 Características dos locais onde são vendidos os produtos

Os locais de venda são caracterizados por uma variedade de barracas construídas com diversos materiais tais como chapas de zinco, madeira, outras cobertas de sacos que tinham arroz ou plástico que protege do sol ao vendedor existindo também aquelas feitas de material como ferro os reboques de automóveis.

As barracas onde estão situados os vendedores de produtos alimentícios são sobre os passeios da cidade trata-se da baixa no anjo voador e terminal dos chapas no campo do ferroviário estes sítios tem lixo no chão, jorram águas sujas, não possuem casas de banho, nem água, ainda sobre os passeios os vendedores colocam mesas podendo ser estas feitas de material de plástico de diversas cores vermelho, azul, branco, amarelas e outras de madeira, variando de local para local.

Existência de fogão feito de material de ferro com recurso a uso de carvão para confeccionarem os alimentos, bidões de plástico ou outro tipo de reservatório onde guardam água que serve de consumo, para lavar os pratos (utensílios), lavagem das mãos.

Poucas são as barracas com iluminação, a água é tirada a distância de 200 à 500 metros ou mais, pagando um valor monetário de 2 a 5 meticais por bidão.

Em alguns casos as vendedeiras trazem a água de casa e outras tiram em empresas próximas ou até tiram em quintais de casas sem o conhecimento dos donos das casas.

Em relação ao lixo em algumas barracas é deitado em sacos plásticos ou que tinham arroz, as vezes em baldes e posteriormente deitados no contentor de lixo do Município do Conselho Municipal, o que leva cerca de 3 a 4 dias para encher o saco e o contentor dista a 500, 200 metros do local.

As vendedeiras disseram ter cartão de sanidade pública, que é controlada pelos agentes de medicina preventiva, mas que no momento não traziam todas as vendedeiras entrevistadas trazendo apenas quando os agentes dizem que vão passar.

Disseram também que vão as reuniões no Conselho Municipal quando este solicita para participarem em alguns encontros onde vão falar sobre algumas doenças, que podem ser transmitidas partindo dos consumidores de géneros alimentícios nos passeios da cidade, pelo facto dos locais estarem sujos e não possuírem água e sanitários.

Este lixo contribui para a proliferação de vectores como moscas, mosquitos, baratas, ratos e outros o que contribui para o risco de saúde e segundo uma das entrevistadas de nome Ilda Cossa disse:

“Sou vendedeira neste local a 6 anos, tenho 45 anos, tenho 2 filhos e vivo também com a minha mãe, as condições deste local é como estão a ver não são boas. Tem aqui lixo e água que provém das chuvas e outra aquela que nós deitamos quando lavamos os produtos e utensílio. O local possui um contentor de lixo do Conselho Municipal mas este está longe a aproximadamente 500m ou mais e o lixo não é recolhido todos os dias chegando às vezes a transbordar com lixo o que origina uma grande proliferação de moscas, ratos e baratas apesar de nós os vendedores pagar-mos uma taxa diária de 20mt ao Conselho Municipal da Cidade de Maputo.

Este local quando chove, fica cheio de água devido as condutas que andam entupidas, mas mesmo assim os clientes não deixam de vir.”

Observa se a inadequada gestão dos resíduos líquidos e sólidos tanto pelos vendedores, consumidores e mesmo pelo conselho municipal, uma vez que a recolha do lixo não é feita diariamente; Pode se dizer que estes aspectos estão ligados por um lado aos maus hábitos de higiene individual por parte dos munícipes da cidade de Maputo o que contribui para o risco de saúde.

Águas a escorrerem em barracas, devido a falta de esgotos mas também porque algumas vendedeiras despejam lixo naqueles lugares.

As comidas são feitas no local o que ajuda ao consumidor ver como são confeccionadas as comidas.

Nos locais entrevistados algumas barracas não possuem casas de banhos, algumas podem estar a 100 metros ou mais, sendo que algumas nem têm, as necessidades menores como urinar ,alguns consumidores bem como pessoas de passagem fazem atrás das árvores e outros átraz das barracas ou carros.

Capitulo VI- percepção do risco pelos consumidores de géneros alimentícios nos passeios da Cidade da baixa.

Quanto a percepção do risco, as opiniões foram também divergentes, dependentes do ambiente socializador do indivíduo de entre eles:

“João Zandamela consumidor de géneros alimentícios no mercado do ferroviário, referiu ser utente do local faz já oito anos. Quanto ao risco de saúde disse estar sujeito em qualquer lugar, quiosque, barraca tanto em casa, disse ainda que era reparador de fogões e geleiras tendo já reparado em quiosque e deparado que a situação de higiene naqueles locais é pior que barracas.

Ainda disse que a questão do consumo de alimentos em barracas dos passeios da cidade de Maputo e o surgimento da doença pode surgir como uma questão de coincidência, azar ou destino. ”

Disse que no momento estava com dores abdominais e diarreia, sendo que dia anterior era domingo, não tendo comido na barraca mas sim em casa, que dizer?

Pode-se constatar que o conceito de risco pelos consumidores de alimentos nos passeios depende dos factores que lhe rodeiam, meio ambiente, como vão interpretar e dar o significado do que é o risco ou quando ele considera esta em risco. Portanto se parte do consumo alimentar em locais informais como barracas ou outros.

Um outro consumidor de alimentos disse chamar- se Jaime Matusse disse:

“Sou residente da Matola, quanto ao risco de saúde acredito nas autoridades de saúde, quem controlam e zelam pela saúde dos indivíduos portanto do vendedor dos alimentos em passeios que recebe cartão de sanidade hospitalar através do controle que os agentes de saúde fazem aos vendedores. Daí que ele consome alimentos preparados nas barracas sem receio”

Outro consumidor acredita que o indivíduo está em risco, apartir do momento em que está a nascer, pois segundo o consumidor o bebé esta em risco ao nascer se no momento não houver bons cuidados podendo perder a vida, durante as mamadas o bebé também está sujeito ao risco alimentar assim como ao consumir alimentos em casa, restaurantes, passeios da cidade a pessoa está sujeita ao risco dependendo da disposição da pessoa que confecciona os alimentos .

7. Considerações Finais

O resultado do estudo demonstrou a necessidade de maior divulgação, discussão e de construção de políticas públicas que contemplem a segurança dos consumidores e vendedores de géneros alimentícios.

Também o estudo permitiu demonstrar que as políticas públicas de saúde pública tende a influenciar na maneira de pensar e agir das populações, adoptando políticas de prevenção de saúde não tendo a ver com o seu meio o contexto social.

Demonstrou a necessidade de uma distinção com os fenómenos humanos directamente relacionados com mudanças do comportamento e a adaptação microbiana e ambiente não se devendo reger apenas às políticas públicas.

Permitiu entender que tanto os consumidores como os vendedores não se importam com a questão do risco, olhando apenas para a eliminação da fome e angariação económica, só numa situação de doença é que mais tarde vão relacionar com o que comem.

Permitiu ver que há necessidade de rever as mensagens criadas pelo MISAU, pois muitos são os casos de doenças diarreicas que acontecem não pelo consumo de alimentos nas barracas, passando por diversas causas, assim:

A é um direito fundamental da pessoa humana, que deve ser assegurado sem distinção de raça, de religião, ideologia política ou condição sócio económica.

A saúde está directa ou indirectamente ligada com hábitos de vida, de consumo e segurança dos produtos e serviços que usamos.

Permitiu ver que o papel desempenhado pelas crenças individuais, vai desenhar o que é risco de saúde pelos consumidores de géneros alimentícios o que poderá criar ambiente saudável

Para o público em geral entendem que o risco sempre existiu, desde que a pessoa nasce ela esta exposta ao risco, sendo que para eles a prevenção pode ser feita, mas consideram que se a pessoa

estiver para ficar doente sempre vai ficar ou seja se estiver para morrer sempre vai acontecer, com a prevenção como não, daí que para o público come em qualquer lugar.

Uma outra questão é a socialização, sendo que os consumidores de alimentos nos passeios da cidade vão onde se sentem acomodados, não importando se o estado do local está limpo ou não, ou se está perto de uma casa banho, mas se pode estar bem, ficam horas a fim a conviver.

O meio em que a pessoa cresceu também vai contribuir para os indivíduos determinarem o que é ou não o risco, pois fazendo uma análise antropológica podemos constatar que muitas são as pessoas que comem no lixo não ficam doente, tomam banho em águas sujas e não ficam doentes, bebem água não fervida e não apanham doenças ao contrário de alguns que bebem água mineral podendo por algumas vezes contrair doenças

Permitiu saber que o risco em consumidores de géneros alimentícios, corresponde a noções e conhecimentos que um grupo de indivíduos têm e entende-se como fenómeno socialmente e culturalmente construído, uma vez que através dos consumidores já entrevistados cada um entende segundo o que conhece sobre doenças e como foi educado e onde cresceu e seu meio. Sendo que entre eles alguns factos; os significados que compartilham, as crenças e convicções; o seu meio cultural e social; suas intenções e objectivos de acção.

Referências Bibliográficas

- ✓ BIZA, A. (2000). *As características sociais das Mulheres de agregado Familiar e suas estratégias de sobrevivência em contexto Peri- Urbano: O caso do Bairro Luís Cabral*. Dissertação para obtenção de licenciatura em Antropologia, UEM. Maputo; Editora Departamento de Antropologia.
- ✓ BOWEN, Nina (1998), *Notas Preliminares Sobre os Vendedores Ambulantes na Província da Zambézia*. Maputo
- ✓ BRITO, G; CORDEIRO, et all (2003), *Avaliação da Qualidade Microbiológica de Hamburgueses e Cachorros-quentes Comercializados por Vendedores ambulantes no município de Juazeiro do Norte, CE*. Revista Higiene Alimentar, v. 17, nº110, p.90-94
- ✓ JORNAL CANALMOZ (2011), *Considerações sobre a Problemática de Higiene na Cidade de Maputo*. Canal de Moçambique, Maputo.
- ✓ CHICHAVA, José (1998). *O sector Informal e as economias locais*. Maputo. Ministério de administração estatal. 2ª edição. Pp. 28.
- ✓ Cimeira Nacional para o desenvolvimento social, Copenhagem (1995). *Relatório Nacional de Moçambique sobre o Desenvolvimento Social*. Maputo.
- ✓ FREITAS, C. M. (2000). *A Contribuição dos Estudos de Percepção do Risco na Avaliação e Nogerenciamento do Risco Relacionados os Resíduos Perigosos*. In: Sissino, C.L.S; Oliveira, R.M (org), *resíduos sólidos Ambiente e saúde: uma visão multidisciplinar*. Rio de Janeiro: P.p 111-128
- ✓ GIDDENS, Anthony (1994). *A transformação da intimidade*. São Paulo. Ed. Unesp,.
- ✓ HELMAN, Cecil (2009). *Cultura, Saúde e doença. Porto alegre*. Artimed. PP-329 a 335.
- ✓ HONWANA, Alcinda (2002). *Espíritos Vivos, Tradições, Modernas*. Pp-208
- ✓ LIHAHE, Danúbio (2004). *Vidas Sobre Carris- Apropriação Sócio Profissionais do Perigo entre os Maquinistas do Sul de Moçambique*

- ✓ LUNDIN, Iraê. (1991). *Algumas Reflexões Sobre a Percepção Individual e Colectiva da Doença Cura nas Sociedades Domésticas –Rurais e Cmponesas*. Maputo: DAA/ UEM.
- ✓ MACHAIEIE, E. (1997). *Mulheres no Sector Informal: Esforço e Actividade na Luta pela Sobrevivência: O Caso do Mercado Bazuca, Cidade de Maputo 1987-1996*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de licenciamento em história. na UEM. Maputo: Editora Departamento de História da Faculdade de Letras.
- ✓ MOA/MISAUI (1993). *O Estudo do Mercado em Maputo: Observações Metodológicas*. Relatório Preliminar de pesquisa. Maputo.
- ✓ NHANTUMBO, Ivete (2007). *Menores no sector informal como estratégia de sobrevivência das famílias carenciadas*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de licenciatura. UEM. Maputo: Editora Departamento de sociologia Pp 1-14
- ✓ QUIVE, Samuel; Patrício Gonçalves. (2005). *Sistemas informais de Segurança Social em Desenvolvimento*. Maputo: Fundação Friedrich Ebert. Pp44
- ✓ Simpósio de Excelência em Gestão e tecnologia (2001). *Contribuição da Análise da Percepção de Risco do Trabalhador ao Sistema de Gestão de Segurança e Saúde do Trabalhado*.
- ✓ TIMBANA, Marcos (2013). *Entre o risco e a sobrevivência: estudo sobre a percepção social de risco de acidentes de viação pelos vendedores informais defronte do mercado Grossista do Zimpeto*. UEM.
- ✓ UCHÔA e Vidal (1994). *Antropologia Médica: “ Elementos Conceituais e Metodológicos para uma Abordagem da Saúde e da Doença”* Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 10 94), Pp 497-504.